

## REFLEXÕES SOBRE O TARÔ NUMA ABORDAGEM JUNGUIANA E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO NA PRÁTICA CLÍNICA

Ana Carolina Freitas Costa<sup>1</sup>

Lahiri Lourenço Argollo<sup>2</sup>

### RESUMO

O Tarô é um baralho de cartas com pelo menos seis séculos de existência. Ele é composto por imagens enigmáticas e tradicionalmente é visto como um oráculo capaz de fazer revelações sobre o futuro. Sob a ótica da psicologia analítica, suas imagens são símbolos arquetípicos que se comunicam com a camada mais profunda da psique, o inconsciente coletivo. Nesse sentido, o Tarô traria uma possibilidade de compreensão mais ampla e profunda da psique, através da projeção e interação com os símbolos do baralho. Entretanto o uso como ferramenta psicológica na prática clínica traz consequências em relação a transferência, contratransferência e o lugar do analista. Portanto, esse trabalho se propõe a estudar, por meio de uma revisão de literatura, as interseções do Tarô com a Teoria Junguiana, bem como as implicações práticas do seu uso na clínica. Assim, discute-se sobre as possibilidades de uso e suas ressalvas para garantir que a relação terapêutica não se perca.

**Palavras-chave:** Tarô; Arquétipo; Projeção; Inconsciente; Psicoterapia Analítica.

### ABSTRACT

Tarot is a deck of cards that is at least six centuries old. It is composed of enigmatic images and is traditionally seen as an oracle capable of making revelations about the future. From the point of view of analytical psychology, its images are archetypal symbols that communicate with the deepest layer of the psyche, the collective unconscious. In this sense, the Tarot would bring a possibility of a broader and deeper understanding of the psyche, through the projection and interaction with the symbols of the deck. However its use as a psychological tool in clinical practice brings consequences in relation to transference, counter-transference and the place of the analyst. Therefore, this paper proposes to study, by means of a literature review, the intersections of the Tarot with Jungian Theory, as well as the practical implications of its use in clinical practice. Thus, it discusses the possibilities of its use and its caveats to ensure that the therapeutic relationship is not lost.

**Keywords:** Tarot; Archetype; Projection; Unconscious; Analytical Psychotherapy.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica pela UFBA, pós-graduanda em Psicoterapia Junguiana pela Psiquê – Centro de Estudos de Psicologia Analítica. E-mail: acfreitascosta@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicólogo Clínico pela Faculdade de Ilhéus, pós-graduando em Psicoterapia Junguiana pela Psiquê – Centro de Estudos de Psicologia Analítica, Mestre em Inovação Tecnológica pelo PROFNIT-UESC. E-mail: largollo@yahoo.com.br.

Jung sempre se interessou pelo papel que a espiritualidade desempenha no funcionamento da psique, o que acabou lhe conferindo o título de místico e gerando muitos debates a respeito desse assunto. Suas experiências místicas são inegáveis, mas ele sempre sustentou que seu interesse era levar os assuntos religiosos e esotéricos para além da perspectiva original da própria tradição, transformando-os em temas pertinentes à psicologia. Sua teoria considera as tradições espirituais, o que implica uma desconstrução do conceito de ciência do senso comum baseado no materialismo e racionalismo (LOPES, 2021).

Nos oráculos, Jung (2013c) encontrou um campo fértil de pesquisa, dedicando-se principalmente à astrologia e ao I Ching. Ele entendia que os instrumentos oraculares promoviam um diálogo franco com as forças invisíveis do inconsciente. Apesar de Jung não ter se debruçado sobre o Tarô, não se pode negar que este é certamente um dos oráculos mais populares do mundo ocidental contemporâneo. Composto por 78 cartas, onde 22 delas são os Arcanos Maiores que formam um forte conjunto de símbolos, o Tarô vem sendo usado ao longo da história como instrumento para revelar o futuro e despertar a consciência. A incerteza da origem das imagens reforça sua atmosfera mágica e misteriosa, dando espaço para muitas especulações. Há quem o associe ao conhecimento hermético advindo do antigo Egito, aos indianos, ciganos. No entanto, pesquisas apontam para sua criação em meados da Renascença com o objetivo recreativo (MOREL, 2018).

A Psicologia Analítica e o Tarô se encontram em pontos-chaves da teoria junguiana: arquétipo, inconsciente coletivo, símbolos, sincronicidade, individuação e projeção. A hipótese que justificaria a inserção do Tarô no campo analítico seria o fato das imagens arquetípicas presentes em cada carta se comunicarem com o inconsciente, o que conduziria a uma expansão da consciência. Nesse sentido, através da interação com os símbolos do baralho, as cartas trariam a possibilidade de alcançar uma compreensão mais ampla e profunda da psique, impactando no futuro.

O Tarô é considerado um espelho da alma por ser receptor de projeções inconscientes que revelam o desconhecido no ser humano (NICHOLS, 2007). Isso traz à tona a reflexão sobre a utilidade desse instrumento na psicoterapia, já que a aproximação do inconsciente é um dos seus objetivos. Mas quais seriam as implicações de trazer para a clínica um instrumento que culturalmente é visto como um oráculo?

Essa é uma questão polêmica porque choca com alguns dos pilares da clínica junguiana: transferência, contratransferência e o lugar do analista. O Tarô está no imaginário das pessoas como um instrumento poderoso que traz revelações e requer, assim como um oráculo, um intérprete que compreenda e traduza suas profecias enigmáticas. A questão que se

apresenta é se é possível usá-lo como um instrumento psicológico sem ativar no analista a sombra do profeta que faz previsões e, no paciente, do consulente em busca de respostas mágicas. O risco é, ao usá-lo para ampliação da consciência, ambos acabarem caindo no caminho oposto: na inconsciência e suas sombras.

Assim, esse trabalho tem como objetivo discutir as convergências e divergências do Tarô com a prática clínica. Para tanto, inicia-se abordando as questões teóricas que conversam com o Tarô, trazendo os conceitos que se relacionam com o poder de suas imagens e símbolos. Em seguida, debate-se sobre as implicações práticas que envolvem transferência, contratransferência, função transcendente e método projetivo, refletindo sobre os convenientes e inconvenientes do seu uso como instrumento psicológico. Por fim, considerando-se o lugar do analista e do paciente na relação terapêutica, reflete-se sobre o possível uso do Tarô como via de acesso ao inconsciente no setting terapêutico.

## **2 O TARÔ**

O Tarô é um baralho de cartas, com pelo menos seis séculos de existência, que possui figuras enigmáticas advindas de um tempo misterioso e irracional (NICHOLS, 2007). O Tarô de Marselha é um dos mais conhecidos e tornou-se um padrão a partir do qual todos os baralhos de Tarô derivam. Trata-se de um jogo de 78 cartas, distribuídas em dois grupos: Arcanos Maiores e Arcanos Menores. As 56 cartas dos Arcanos Menores são divididas em quatro naipes - Copas, Paus, Ouros e Espadas – e servem como símbolos complementares aos Arcanos Maiores ou Trunfos. Estes são imagens numeradas de 0 a XXI que representam a jornada de crescimento espiritual do seu protagonista, O Louco (NICHOLS, 2007).

Hoje já se sabe que os primeiros baralhos de Tarô foram pintados no norte da Itália durante a segunda metade do século XV, com o objetivo de servir como jogo recreativo para os nobres senhores das casas mais tradicionais da Europa. As cartas só passaram a ser usadas como arte divinatória no século XVIII e no final do século XIX passaram a integrar o cerne do esoterismo moderno. Mesmo com as informações que já se tem hoje, sua história e origem mantem um ar de mistério e liberdade característicos de um instrumento anônimo (SHARMAN BURKE & GREENE, 2021). Assim como os mitos, não é possível definir quem foi o seu criador e sua simbologia é tão universal que se encaixa em diferentes tradições e culturas. Seis séculos depois, seus símbolos e imagens ainda despertam uma inexplicável sensação de serem portadores de um profundo significado, demonstrando seu poder de, no mínimo, ativar a imaginação humana.

Apesar de ser um oráculo associado a uma utilização premonitória, o principal objetivo do Tarô é o conhecimento de si mesmo. Por trás de sua filosofia, existe a crença de que cada ser humano constrói seu próprio destino e seu propósito é, através da iluminação do inconsciente, dar a cada um a possibilidade de participar ativamente da sua própria história (MOREL, 2018). As imagens presentes nos 22 Arcanos Maiores representam diferentes fases da jornada psicológica e espiritual a ser percorrida independente dos contornos e particularidades da vida individual. Segundo Nichols (2007), arrumados em sequência, os Trunfos parecem contar uma história que transcende o pessoal e, como é contada sem texto explicativo, deve ser compreendida por meio da criatividade e imaginação. Eles representam simbolicamente os arquétipos, forças instintuais que operam de modo autônomo na camada mais profunda da psique e que não podem ser vistos, apenas sentidos.

Os arquétipos simbolizados nas cartas configuram a jornada humana em direção a integração dos aspectos contraditórios da psique. Esse caminho se inicia com o Louco se jogando rumo ao desconhecido e, como recompensa, recebendo a ajuda de figuras que o guiam no mergulho interior – O Mago, a Sacerdotisa, o Papa, a Imperatriz e o Imperador. Quando encontra o arquétipo dos Enamorados, ele se defronta com escolhas que envolvem o amor, no arquétipo do Carro ele precisa lidar com o desafio de controlar instintos contraditórios e com a Justiça ele encara a necessidade de, em alguns momentos, tomar decisões baseadas na imparcialidade. O Eremita chega mostrando que não se pode controlar a passagem do tempo e a Roda da Fortuna revela um constante movimento que também não pode ser controlado. Existe um leão interior que precisa ser domado, mas não destruído, e a carta da Força mostra a sutileza que existe no limiar entre esses dois tipos de conquista. O Enforcado, com seu sacrifício voluntário, evidencia a serenidade que existe quando o sacrifício é feito em prol de um bem maior e a Morte não deixa esquecer que os fins fazem parte dos começos. O lado mais vergonhoso da psique é revelado na carta do Diabo e o lado mais amável e sentimental na carta da Temperança. O arquétipo da Torre deixa claro que as falsas personas precisam ruir para que o caminho possa continuar e a Estrela traz um lampejo de esperança que dá força para seguir o caminho. A Lua traz a densidade e o caos presente no inconsciente coletivo e, depois do mergulho nessa instância milenar da psique, o Sol anuncia o poder que existe na consciência que emerge desse mergulho. Os dois últimos arquétipos do jogo são o Julgamento e o Mundo. O Julgamento é o momento de colher os frutos plantados, constatando que o presente está conectado com as escolhas do passado, e o Mundo é o grande objetivo da jornada, é o prêmio da totalidade. Esse objetivo é ideal, não real, então o que importa não é a chegada e sim o caminho que se desenvolve na sua busca.

Em tempos em que o pensamento científico impera, o fascínio que o Tarô ainda exerce revela o complexo mundo interior imagético, presente em todos os indivíduos, que atua num padrão abstrato movido pelo significado e não pela racionalidade. “A ligação entre os acontecimentos cotidianos e as imagens das cartas de Tarô não acontecem porque as cartas são ‘mágicas’, mas porque há um significado associado” (SHARMAN BURKE & GREENE, 2021, p. 20). Portanto, a busca pelo Tarô, assim como a busca por outros oráculos, é guiada pela necessidade humana de encontrar um sentido para aspectos da vida que a racionalidade parece não dar conta. O encontro com o Tarô é na verdade o encontro com o poder e a força dos arquétipos e esse encontro faz emergir o poder e a força da psique humana.

### 3 A VISÃO JUNGUIANA DO TARÔ

Desde a pré-história os seres humanos usam os desenhos como meio de expressão, o que lhes conferiu o poder de tornar visível o invisível (FORTIM, 2019). As imagens arquetípicas e os símbolos materializam conteúdos inconscientes que pertencem a toda humanidade e que por isso tem uma natureza universal. Essa instância não pessoal da psique, denominada inconsciente coletivo, é definida por Jung da seguinte forma:

Esta camada mais profunda é o que chamamos de inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo ‘coletivo’ pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2014a, p. 12)

Os arquétipos, substância do inconsciente coletivo, são padrões de percepção e compreensão comuns a todos os seres humanos que explicam as similaridades no funcionamento imaginário psíquico que atravessam os tempos e culturas (JUNG, 2014a). Por estarem fora do alcance da consciência, eles atuam como forças da natureza guiando as experiências humanas para caminhos que nem sempre são construtivos para a vida individual.

Os Arcanos Maiores, por serem representações de arquétipos, materializam algo que não é visto, mas vivido inconscientemente a todo momento. Esses conteúdos do inconsciente coletivo expressos no Tarô buscam ser acolhidos e integrados, mas para tanto é preciso existir uma consciência que dê espaço para o irracional coexistir com a sua lógica intelectual. As cartas demandam uma forma de apreensão que relativiza a racionalidade para atingir um modo mais amplo e profundo de assimilar imagens.

Jung pouco falou sobre o Tarô. Em um seminário sobre imaginação ativa, realizado em 1933, encontra-se uma breve fala onde ele trata o Tarô tratando-o como imagens psicológicas que o inconsciente utiliza para se expressar. Jung (1997) fala que as cartas são imagens arquetípicas que contribuem para compreender, de modo intuitivo, o fluxo da vida. Para ele, a possibilidade de prever o futuro reside na leitura do presente e a necessidade do ser humano de acessar o sentido da existência através do inconsciente está ligada a uma espécie de correspondência entre a condição predominante na vida atual e a condição do inconsciente coletivo (JUNG, 1997).

O contato com novos conteúdos psíquicos traz movimento para a psique e cria um fluxo energético criativo. Essa troca é de suma importância porque quanto mais a consciência se estreita e se afasta do inconsciente, mais perigoso e antagônico ele se torna (JUNG, 2014a). Ou seja, o bem-estar da consciência está diretamente ligado ao tipo de relação que ela desenvolve com o inconsciente. Para que se enriqueçam mutuamente, essas duas instâncias da psique precisam construir uma via de passagem mútua.

Abrindo-se às imagens das cartas, deixa-se a imaginação fluir, criando uma brecha para fertilizar a vida com a potência do inconsciente. Olhando o Tarô por essa ótica, conclui-se que seu poder reside na possibilidade de o indivíduo revelar-se para si através dele. Ele é um convite à introversão e coloca a pessoa em contato com algo que transcende a vida individual, mas que faz parte dela. (NICHOLS, 2007). O indivíduo está imerso em dualidades e é o entrelaçamento dessas realidades que configura sua experiência total (JAFFÉ, 2021).

Pela confrontação dos arquétipos e pela relativa liberação da sua compulsão, tornamos cada vez mais capazes de responder à vida de maneira individual. Como vimos, o comportamento dos que tem pouca percepção dos arquétipos é predeterminado por forças invisíveis. É quase tão rigidamente programado quanto o comportamento instintual dos pássaros e das abelhas, que sempre reagem a certos estímulos de modo pré-ordenado, de modo que o acasalamento, a nidificação, a migração, etc., são levados a cabo em padrões idênticos através das gerações. Mas quando um ser humano adquire determinado grau de autopercepção, é capaz de fazer escolhas diferentes das da multidão e de expressar-se de um jeito só seu. (NICHOLS, 2007, p. 34)

Aceitar que a mente racional não é suprema também leva a compreender que ela não é suficiente, por isso é preciso buscar meios de compensá-la, expandi-la e desafiá-la. As figuras do Tarô, por pertencerem ao mundo da imaginação, representam um desafio para a consciência. Elas não passarão de figuras estáticas e rasas se os afetos que vem do inconsciente não derem vida a elas e é quando estão vivas que elas se tornam guias para o aprofundamento psíquico.

O encontro com o inconsciente transforma e deixa muitas sementes que germinam com o tempo, pois é como se as ideias e intuições que surgem desse encontro ampliassem o mundo interior fazendo caber o que antes não cabia. Não se pode alterar o curso da vida *per si*, mas é

perfeitamente possível modificar a si próprio. Se o indivíduo se transforma, sua vida tende a seguir o mesmo fluxo. A leitura simbólica do Tarô proporciona uma forma ativar a energia arquetípica, criando a oportunidade de participar da criação de um destino novo e alinhado com o processo de individuação.

## 4 INTERSEÇÕES COM A TEORIA JUNGUIANA

A visão junguiana propõe uma revisão do lugar de oráculo do Tarô, onde pressupõe um deslocamento da função de previsão para de construção do futuro. Essa visão é embasada em conceitos teóricos junguianos que abordam o caminho por onde o indivíduo se torna ele mesmo, as formas como o inconsciente se expressa no mundo externo e a linguagem imagética da psique. Para a compreensão dessas inter-relações, será feito um aprofundamento nos conceitos de individuação, imagem e sincronicidade.

### 4.1 Individuação

O ego, através da sua unilateralidade, pode até tentar negar a existência do inconsciente, mas ele jamais será poupado dos seus efeitos. O inconsciente sempre vai encontrar uma forma de se manifestar e de se fazer ser visto de modo que a consciência, naturalmente, se torna insuficiente para a compreensão da totalidade da psique, perdendo a sua falsa soberania (JAFFÉ, 2021).

Não é fácil para a sistemática consciência reconhecer e compreender os conteúdos caóticos do inconsciente. Esses conteúdos, quando emergem, soam tão estranhos que é difícil integrar e reconhecer como próprio. Os afetos, que são reações involuntárias que bagunçam a ordem da consciência, não deixam esquecer que o fato de o inconsciente estar oculto não significa que ele não esteja presente. Eles revelam aspectos que sempre estiveram vivos no inconsciente como potencialidade e mostram que essas potencialidades sempre encontram uma forma de se tornar realidade.

A psique, portanto, é formada por duas metades contraditórias e complementares que, se trabalharem juntas, formam um todo. Enquanto o ego achar que pode assimilar o inconsciente ou que precisa reprimi-lo, essa totalidade não será alcançada. O consciente e o inconsciente são aspectos legítimos da vida e precisam construir uma relação colaborativa. “É o velho jogo do martelo e da bigorna. O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num *individuum*.” (JUNG, 2014a, p. 288). Do conflito entre o “martelo e a bigorna” se

desenrola o processo de individuação e se chega ao indivíduo. A individuação é o percurso trilhado na construção da individualidade e este se torna destino na medida em que representa o único caminho possível. Entretanto esse destino nunca é resultado apenas de escolhas conscientes, pois existe uma energia oculta que orquestra a vida independente das tendências conscientes – o Self (JUNG, 2013a).

O processo de individuação depende de uma confrontação honesta com os conteúdos do inconsciente. É uma experiência que exige uma postura ativa e uma entrega deliberada que, apesar de pacificadora, não leva a solução definitiva dos conflitos. O trabalho nunca estará encerrado. Existe sim um sentimento de plenitude quando a vida é enriquecida com as imagens do inconsciente, porém esse sentimento é apenas um intervalo que dá fôlego até que ressurgam novas perguntas e o impulso de transformação leve a novos conflitos. Esses conflitos entre o interior e o exterior virão sempre à tona para que mais uma vez o indivíduo se debruce no trabalho da busca dessa reconciliação. Esse processo de ampliação da consciência é contínuo e infinito e traz uma elasticidade que a protege dos perigos da unilateralidade (JUNG, 2014a).

O envolvimento voluntário com as fantasias do inconsciente compensa os desequilíbrios da psique, cumprindo uma função reguladora. Ao integrar as imagens do inconsciente, assimilando seu conteúdo compensador e aproximando-o da consciência, entra-se em contato com um significado mais completo e caminha-se em direção a totalidade. O que antes era uma ameaça, se torna uma conquista e constrói um chão firme e seguro por onde pode-se caminhar em direção a individuação (WHITMONT, 1991).

Nesse processo, limite e liberdade, dois opostos que parecem inegociáveis, se entrelaçam. Falar de liberdade dentro do processo de individuação não quer dizer ausência de restrições e limite não significa fatalidade. A individuação define a direção que cada um deve seguir, mas não determina a maneira como o caminho deve ser vivenciado. Só é possível ser o que a natureza exige, mas é justamente isso que traz a oportunidade de ser autêntico e, conseqüentemente, livre (HALL, 1992).

## **4.2 Símbolo e imagem**

Jung (2013a) entende que psique é imagem, imaginar é seu modo de existir e, sendo assim, é pelas imagens que é possível acessar seus conteúdos. A experiência do contato com a psique acontece através do contato com suas imagens, portanto ela se expressa e se revela nas imagens. A imagem, produto da psique, é inapreensível pela linearidade e racionalidade da consciência, pois esta tenta transformá-la num texto explicativo e acaba abandonando-a no meio

do caminho. Para compreendê-la, é preciso aprender a reverenciá-la – ouvindo, sentindo, rondando, brincando, valorizando, aprofundando (HILLMAN, 2018). Esse modo de honrar e apreciar as imagens internas ensina a honrar e apreciar a vida e o que ela apresenta. Ao debruçar-se com deferência sobre qualquer imagem, interna ou externa, um sentimento ou uma arte, o indivíduo estará extraindo uma riqueza que jamais se apresentaria para ele de outra forma.

Por trás dessa postura atenta diante das imagens existe a crença em uma profundidade invisível inerente a tudo o que é visto e que se comunica diretamente com a profundidade da psique. Assim, ao estar presente e curioso, qualquer imagem deixa de ser ordinária e passa a ser portadora de uma fertilidade capaz de revelar o que há de mais misterioso no ser humano. Para Hillman (2018), quanto mais fundo mergulha-se nas imagens, mais profunda ela se mostra. Esse mergulho nas imagens acaba sendo um mergulho na subjetividade, pois seu aprofundamento vivifica a imaginação e traz à tona aspectos da psique que antes estavam ocultos. É assim que, mesmo pertencendo ao mundo externo, as cartas do Tarô se tornam imagens psíquicas, deslocando-se de fora para dentro.

As imagens psíquicas são encaradas como fenômenos naturais, são espontâneas, quer seja no indivíduo, quer seja na cultura, e necessitam, na verdade, ser experimentadas, cuidadas, consideradas, entretidas, respondidas. As imagens necessitam de respostas imaginativas, não de explicação. (BARCELLOS, 2012, p. 91)

A imagem pede relação para que seja possível abrir espaço para se comunicar e tocar o que em cada um também é puramente imagem, a alma. A imagem psíquica resultante desse processo não é uma coisa que se vê e sim um modo de ver que muda a perspectiva sobre as coisas (BARCELLOS, 2012). Portanto, nesse momento, a imagem espelhará a alma porque o modo como se vê a imagem diz mais sobre o indivíduo do que sobre ela. E é nessa interação que as cartas universais do Tarô se tornam imagens individuais, passando a pertencer a quem está diante delas.

Esse modo de pensar a alma como imagem faz enxergar alma em tudo. Pode-se estender esse mesmo raciocínio para o modo de lidar com as cartas do Tarô. Se suas imagens despertam imagens psíquicas e se estas são um modo de ver e não uma coisa em si, cada leitor vai fazer uma leitura particular da carta pois essa reflete a sua alma.

Quando o indivíduo transita de uma leitura literal da vida para uma leitura metafórica, as experiências se transformam em imagens que fazem brotar outras imagens que levam a novas dimensões da mesma experiência. Deixa-se de querer traduzir, definir significados ou descobrir

uma verdade absoluta, pois aprendeu-se que imagem não se esgota, ela se multiplica e não chega num ponto final.

O Tarô é portador de imagens que estão no mundo, mas que vieram da alma. Elas materializam algo que é essencialmente imaterial, dão contorno ao invisível. São imagens que despertam imagens e, nesse movimento, a psique se revela. Ao imaginar as cartas e senti-las vivas, pode-se entrar nelas, sentir seu humor, conversar com seus personagens, perceber seu contexto e viver sua história. Hillman (2018) fala que para se obter significado de uma imagem é preciso observar o seu sentido dado e mais ela significa quanto mais afeta sensualmente, sensorialmente e sensitivamente. É assim que será possível sair do lugar de observador para tornar-se participante, trazendo-as para a vida. Estando presentes para a imagem, ela estará presente para si, convocando a consciência e o inconsciente a atuarem juntos, atentos ao que se apresenta.

### **4.3 Sincronicidade**

Jung (2014b) usa o termo sincronicidade para falar do fenômeno onde duas ou mais situações acontecem simultaneamente, sem relação causal, mas ligadas pela significação. O que diferencia esse conceito da mera coincidência é o fato de os conteúdos terem um significado em comum, como se houvesse um elo invisível que os une.

Existem momentos em que uma imagem psíquica se encontra em uma relação análoga significativa com um acontecimento objetivo exterior sem que haja uma explicação ou uma causa para isso. Difícil explicar como um episódio que acontece distante física e temporalmente produz uma imagem psíquica equivalente, sem que nenhum dos dois eventos exerçam qualquer influência energética sobre o outro. Isso leva a pensar que o inconsciente sabe mais do que a consciência, como se houvesse um conhecimento antecipado sobre determinados acontecimentos, mostrando que muitas vezes a realidade pode complementar a experiência interior.

O fenômeno sincrônico acontece quando uma imagem inconsciente alcança a consciência no formato de sonho, associação ou premonição e, em algum momento, uma situação objetiva surge apresentando o mesmo conteúdo. Jung (2014b) destaca o papel que o afeto desempenha nesse processo, colocando-o como o grande motor da alma humana, capaz de modificar até mesmo a realidade objetiva. A alma tem uma força tão grande que consegue tudo o que deseja, nem que para isso seja necessário mobilizar o mundo psíquico e físico, interno e externo.

A experiência com a sincronicidade mostra que um conteúdo psíquico pode ser representado por um acontecimento exterior sem que haja uma explicação causal para isso, o que traz à tona reflexões sobre a localização espacial da psique e relatividade do tempo. Além disso, essas situações parecem ser uma forma de tornar consciente um arquétipo que, por possuir uma parte inconsciente inacessível à consciência, confere aos eventos sincrônicos essa relatividade de espaço e tempo característica de processos que vão além da consciência.

Mas outra parte dele (arquétipo) já irrompeu na consciência e, por isso, sua unidade psicóide originalmente incognoscível se divide em opostos que podem agora ser reconhecidos, em acontecimentos paralelos psíquicos e físicos. (JAFFÉ, 2021, p. 239)

O princípio da sincronicidade pressupõe uma organização metafísica que atua independente da vontade e engloba exterior e interior. À essa organização estão sujeitos tanto aqueles que experimentam os acontecimentos não causais como mero acaso quanto os que enxergam seu significado. A inter-relação universal dos acontecimentos revela uma unidade preexistente que une psique e matéria e os colocam como integrantes dessa totalidade.

O Tarô é um oráculo que se baseia na sincronicidade, sendo assim o ato de abrir uma carta em detrimento de todas as outras representa um momento sincrônico onde um evento externo, de maneira acausal, se relaciona a um evento interno. Através do compartilhamento do mesmo significado, o evento externo revela um conteúdo inconsciente que antes estava oculto. Ou seja, o arquétipo da carta mostra algo que não se sabe sobre si.

Quando Jung (2014b) fala do afeto como o motor capaz de unificar a alma e o corpo, impactando inclusive na realidade externa, ele faz pensar que para o Tarô desencadear um evento sincrônico antes é preciso que a pessoa seja afetada por ele. Para que o Tarô desperte afetos, é preciso haver uma conexão direta entre ele e o indivíduo, um ritual que desperte o olhar simbólico sobre as imagens que ele apresenta.

O conceito de sincronicidade se baseia na casualidade e não na causalidade, nesse sentido não é possível controlar esse tipo de experiência e saber o que a causa. A sincronicidade simplesmente acontece, ela existe espontaneamente e não intencionalmente. Ela poderia ser só mais um fato da vida sem explicação, mas o que a torna relevante é o seu potencial de levar a um aprofundamento e revelar significados ocultos. Essa potencialidade só se torna realidade quando há uma postura simbólica diante da vida que faz enxergar sincronicidade em situações que antes eram vistas como mera coincidência. Assim, se o Tarô for vivido no seu aspecto simbólico, poderá ser uma experiência que se alinha com uma vida plena de significados e sincronicidades.

## 5 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIA COM A PRÁTICA JUNGUIANA

Jung (2013a) define a função transcendente como o ato de unir os conteúdos, normalmente contraditórios, do consciente e inconsciente. A falta de sincronia entre esses conteúdos se explica pela relação compensatória e complementar que eles desenvolvem na psique. A consciência, com sua função dirigida, inibe todo material que julga incompatível, deixando-os no inconsciente. Além disso, no inconsciente está contido todos os traços funcionais herdados que fazem parte do espírito humano e que ainda nem passaram pela consciência.

A natureza dirigida da consciência foi necessária para a humanidade evoluir na direção da ciência e civilização. As demandas da vida contemporânea exigem um muro divisório entre a consciência e o inconsciente, servindo como bloqueio para todos os elementos psíquicos que parecem ser contrários a consciência (JUNG, 2013a), porém essa definição do que é incompatível é unilateral e arbitrária, já que se baseia em experiências conhecidas para julgar algo que é desconhecido. O novo não entra como fundamento para o processo dirigido pois está mergulhado no inconsciente, entretanto é justamente ele, o conteúdo excluído e desconhecido, que tem o poder de enriquecer a consciência e seus julgamentos.

A unilateralidade da consciência é sempre uma vantagem e um inconveniente. Mesmo quando parece que tudo está indo bem e que essa unilateralidade está dando conta da vida, desenrola-se no inconsciente uma contraposição igualmente forte e convicta. Quanto maior a unilateralidade, maior a tensão gerada pelo oposto oculto no inconsciente. E quanto maior essa tensão, maior a possibilidade de esse oposto inconveniente irromper na consciência e se fazer ser visto. Jung (2013a) define esse processo dizendo:

Nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis. (JUNG, 2013a, p. 16)

Na prática da psicoterapia analítica vê-se a profunda influência do inconsciente através de suas intervenções perturbadoras na vida das pessoas. Independente do processo de análise, o inconsciente vai sempre prosseguir seu caminho e escoar através de situações conflituosas. A psicoterapia não traz uma cura definitiva, não elimina o perigoso poder do inconsciente, mas contribui para diminuir a distância entre ele e o consciente, tornando a relação entre essas duas instâncias mais equilibrada e amigável. A vida segue um fluxo de modo que qualquer atitude se torna inadequada em algum momento, o que vai exigir uma nova adaptação. O tratamento

analítico traz reajustamentos momentâneos, mas, como diz Jung (2013a), a vida tem que ser conquistada sempre e de novo.

O inconsciente tem um importante papel compensatório sobre a unilateralidade da consciência. A relação entre eles se torna construtiva, ao invés de ameaçadora, quando a função transcendente atua, unindo seus conteúdos e criando uma atitude diferente. Na prática clínica, o psicoterapeuta cumpre esse papel de facilitar a função transcendente no paciente, ajudando a aproximar os conteúdos contraditórios da psique a fim de produzirem o novo.

Para fazer a função transcendente, o analista precisa do material inconsciente do paciente – sonhos, fantasias, associações livres, as ideias sem nexos, as falhas de memória, os esquecimentos, os atos sintomáticos (JUNG, 2013a). Ao tornar consciente os conteúdos do inconsciente, o analista busca evitar sua ação sorrateira e desagradável. Jung (2013a) diz que quando não há produção de fantasias espontâneas, é preciso recorrer à ajuda artificial. O Tarô se torna um instrumento psicológico ao servir como gatilho de fantasias que circulam em torno da órbita do afeto que ele desperta, diminuindo a atenção crítica e contribuindo para a introversão da libido. Ao fazer o exercício de expandir a fantasia a partir das imagens arquetípicas, sem sair do afeto causado pelo símbolo da carta, a consciência e o inconsciente são convocados a trabalhar de maneira colaborativa, o que representa o momento de atuação da função transcendente.

A confrontação dos opostos é um dos grandes objetivos e desafios do processo terapêutico (e da vida) e isso exige que os conteúdos do inconsciente sejam levados a sério. A confrontação é conduzida pelo ego, mas o inconsciente também deve ter o seu lugar de expressão. Escolher conscientemente mergulhar nos arquétipos das cartas do Tarô e deixar o inconsciente falar através das fantasias que emergem é um exemplo que ilustra como o ego pode conduzir a confrontação com o seu oposto – construindo um espaço onde cabe o consciente e o inconsciente. É assim que os fatores reguladores da psique irão emergir a ponto de influenciar as ações do indivíduo. É preciso confiar no inconsciente e lhe dar a possibilidade de cooperar com a consciência, para que assim ele não precise perturbá-la para conseguir ser levado em consideração.

### **5.1 Projeção e métodos projetivos**

A projeção é um fenômeno psíquico automático e espontâneo que existe independente da vontade, onde, de maneira involuntária, os conteúdos subjetivos aparecem como se pertencessem a um objeto externo ou a outra pessoa (JUNG, 2013a). A razão psicológica da

projeção é um inconsciente ativado que busca formas de expressão. “É regra que tal elemento que esteja constelado apareça pela primeira vez sob essa forma. Qualquer arquétipo ativado pode aparecer projetado, quer em situações externas, em pessoas, ou em circunstâncias – resumindo: em todo tipo de objeto.” (JUNG, 2013a, p. 154)

Quando a projeção é conscientizada, ela se dissolve e toda a energia projetada retorna ao sujeito, que então se apossa de um tesouro que antes estava camuflado no objeto. Pode-se dizer que existe uma ilusão envolvida nesse processo que é desfeita quando se descobre que os fatos aparentemente objetivos na verdade são conteúdos subjetivos. A partir dessa descoberta, os elementos projetados retornam para a psicologia do indivíduo, não podendo mais ser atribuídos ao objeto (JUNG, 2013a).

O uso de técnicas projetivas com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o sujeito baseia-se no pressuposto de que a percepção que ele tem sobre determinado objeto é influenciada e determinada pelo seu psiquismo. A psicologia projetiva surgiu em oposição às correntes que voltavam sua atenção para a resposta do indivíduo diante de determinado estímulo externo sem levar em consideração os componentes internos envolvidos nesse processo. Ela se refere a um “conjunto de pressupostos, hipóteses e proposições, expresso em métodos projetivos usados por psicólogos clínicos, para o estudo e diagnóstico da personalidade humana.” (FENSTERSEIFER & WERLANG, 2008, p.16)

O conceito de projeção sustentou o nascimento de métodos projetivos que se caracterizam por um estímulo, sem nenhum significado previamente estabelecido, sobre o qual o sujeito poderia imprimir um sentido particular. Assim, o indivíduo, de maneira inconsciente, atribui as próprias qualidades e necessidades a estímulos externos. Fensterseifer & Werlang (2008) afirmam que os estímulos utilizados em métodos projetivos devem ser pouco estruturados para que elementos do funcionamento interno do indivíduo possam aparecer e que, mais do que projetar o que é, projeta-se o que se recusar ser.

Não se pode esquecer, no tocante aos processos perceptuais, que “...a apreensão dos dados do mundo externo sempre será plasmada por componentes subjetivos.” (FENSTERSEIFER & WERLANG, 2008, p.18). A percepção é a interpretação subjetiva da percepção e isso explica o fato de que duas pessoas podem ter a mesma percepção sobre determinado estímulo, mas nunca a mesma interpretação. Além disso, nas tarefas de ordem projetiva há uma redução do controle do ego, o que permite o surgimento de elementos simbólicos com conteúdos profundos e significativos.

Diante de uma imagem desconhecida e misteriosa como o Tarô, o inconsciente tende a constelar e se expressar através do fenômeno da projeção. A imagem pode servir como um

espelho que mostra novos ângulos daquele que se vê nela. Se for possível sair da superfície da imagem literal e se permitir viver uma experiência profunda com as cartas, o Tarô transforma-se em um rico objeto sobre o qual a subjetividade pode se mostrar.

## **5.2 Transferências, contratransferência e a sombra do psicoterapeuta**

A prática da psicoterapia junguiana consiste em duas pessoas se encontrando para tentar compreender o que se passa no inconsciente de uma delas (JACOBY, 2011). O indivíduo recorre a psicoterapia quando precisa de ajuda para lidar com questões que sua força de vontade consciente não dá conta de resolver nem de entender. Nesse processo, existem duas pessoas e dois inconscientes que projetam mutuamente seus conteúdos psíquicos.

A transferência trata-se dessa projeção de conteúdos internos sobre outra pessoa e Jung (2013a) a via como um fenômeno natural e inerente a qualquer relacionamento. As imagens projetadas não têm origem apenas na vida pessoal ou no material reprimido, os conteúdos inconscientes arquetípicos também estão envolvidos nesse processo. Inconscientemente, o indivíduo vê no outro suas próprias imagens psíquicas, revelando que numa relação entre duas pessoas sempre haverá ações e reações que acontecem para além do campo da consciência. Há um encontro entre duas psiques, na sua totalidade, e isso engloba o visível e o invisível, o dito e o não dito – muito mais transpira e é trocado entre duas pessoas do que o meramente expresso por palavras e atos. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004)

É esperado que o paciente faça projeções em relação ao analista e este deve estar preparado para lidar com elas e levá-las de volta às suas origens, ampliando a consciência de quem as projeta. Se a reação inconsciente do analista for uma contratransferência que também projeta no paciente imagens que não são dele, os dois estarão mergulhados na inconsciência e o desenvolvimento da psicoterapia é naturalmente interrompido. Quando os conteúdos que o paciente projeta são idênticos a elementos inconscientes do psicoterapeuta, cria-se uma condição de contaminação pessoal através da inconsciência mútua (JUNG, 2013a). Isso reforça a necessidade de o analista estar em análise para que esteja objetivamente em contato com seu inconsciente, reduzindo a chance de ser contaminado pelas projeções dos pacientes.

Guggenbühl-Craig (2004) fala sobre a lei psicológica segundo a qual quanto mais buscamos o luminoso, mais sua contrapartida sombria se constela. Nesse sentido, quanto mais o psicoterapeuta se esforça para se tornar consciente e ajudar o paciente a se tornar consciente, mais seu inconsciente é constelado. É assim que age a sombra arquetípica experimentada nas projeções. Ao se esforçar para ajudar as pessoas a se livrarem dos poderes invisíveis da sombra,

trazendo luz e equilíbrio a psique, o psicoterapeuta acaba constelando, na mesma medida, exatamente o oposto daquilo que ele conscientemente busca.

O fenômeno psicológico que Jung denominava como sombra se refere ao reverso dos ideais pessoais ou coletivos que age na direção oposta dos objetivos do ego, mostrando-se de maneira desagradável e dolorosa (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004). Isso significa que querer não é poder, ou seja, a intenção consciente não basta. O analista pode ter um desejo consciente genuíno de tirar o paciente do sofrimento em que se encontra, usando todo o seu conhecimento e habilidade para isso e, ainda assim, trabalhar inconscientemente em prol dos seus próprios interesses ao invés de servir ao seu paciente. A sombra do analista e do paciente afetam-se mutuamente, muitas vezes criando uma aliança entre si, e o risco é eles basearem a terapia na inconsciência de ambos, sendo conduzidos pela sombra ao invés de cumprirem o objetivo de confrontá-la.

Muitos pacientes chegam na psicoterapia querendo se livrar do sofrimento e, inconscientemente, esperando encontrar um salvador que o liberte de todos os problemas, projetando poderes sobre-humanos sobre o analista. “O paciente costuma recorrer ao psicoterapeuta para obter não só um efetivo apoio em sua luta contra a neurose, mas também o acesso a um conhecimento secreto que lhe permitiria resolver todos os problemas da vida.” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 42). Esse tipo de transferência, se for incorporada pelo analista ao invés de ser usada como pista que leva ao seu conteúdo inconsciente correspondente, pode inviabilizar o processo terapêutico.

O autor Guggenbühl-Craig (2004) compara o início da terapia com uma relação entre feiticeiro e aprendiz. As fantasias do paciente a respeito dos poderes sobrenaturais do analista podem constelar no inconsciente deste a imagem de profeta ou salvador, podendo levá-lo a acreditar que de fato é alguém capaz de operar a mágica da salvação e revelação do outro. Mas Jung (2013a) alerta para a desonestidade que existe por trás do ato de assumir para si as projeções que são do paciente. “Assim, se for projetado o complexo do salvador em algum dos senhores, por favor, devolvam essa qualidade ao paciente sem modificá-la em nada. Que salvador seja lá o que for, isso não quer dizer que tal qualidade seja do analista.” (JUNG, 2013a, p. 171)

Se o analista se contaminar com o inconsciente do paciente e receber a sua projeção, a relação de ambos estará pautada em uma ilusão. Ao encarnar, mesmo sem perceber, a capacidade de adivinhar o que se passa na mente do paciente, ele acaba reforçando a sua fantasia e saindo do papel de terapeuta para ocupar um lugar que não lhe pertence.

Quando o paciente lhe fala de seus problemas, o analista deixa parecer que já compreendeu tudo. Mediante o uso de certos gestos, como um sábio balançar de cabeça, e de certas observações ambíguas em meio a fala do paciente, o analista cria impressões de que, mesmo não estando preparado para expressar todo o seu conhecimento e suas profundas reflexões, já atingiu o fundo da alma do paciente. (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004, p. 42)

Essa onisciência e competência absoluta fazem parte do arquétipo do salvador e, por certo, não é um motivo pessoal; é uma ideia universal, uma esperança de todo mundo, em qualquer época da história – é a ideia arquetípica da personalidade mágica (JUNG, 2013a). Ao encarnar esse arquétipo, projetado pelo paciente, o analista está conferindo para si um poder extraordinário, sobre-humano, que incentiva uma relação de dependência com o paciente, caminhando no sentido oposto daquele que deveria ser o objetivo da terapia: ajudar o paciente a reconhecer, integrar e lidar com seus próprios conteúdos.

O Tarô, dentro desse importante e perigoso jogo de transferência e contratransferência, pode se tornar um instrumento que confere um poder indevido ao analista-salvador, retirando o protagonismo de quem realmente deve ter o poder e a capacidade de se salvar, o próprio paciente. Trazer para o setting terapêutico um instrumento que culturalmente é visto como um oráculo pode colocar o analista num lugar que não é o seu e mudar a natureza da relação terapêutica.

A fantasia do paciente de ser magicamente salvo pelo analista, se for reforçada e não conscientizada, pode ser um desvio no seu processo de individuação. As sombras consteladas na terapia devem servir para serem integradas e não para serem materializadas. A terapia existe para fazer o indivíduo se apropriar da sua própria história, dando sentido a sua vida., portanto o Tarô pode ajudar nesse processo se for usado para encurtar a distância entre consciente e inconsciente. Se o Tarô, ao invés de guiar o paciente na direção da sua totalidade, o conduzir para um lugar de passividade e inconsciência diante da sua vida, ele perde o sentido e deixa de ser um possível aliado para ser um antagonista da individuação.

## **6 REFLEXÕES FINAIS**

O Tarô, com sua origem e cartas enigmáticas, compõe um conjunto de símbolos que desperta projeções e fantasias. O seu uso como instrumento psicológico se ancora no fato de que aquilo que o indivíduo não sabe sobre si tende a ser visto em pessoas ou objetos externos – e figuras míticas são um gancho perfeito para isso porque seus mistérios espelham os mistérios da psique. Entretanto, como o Tarô vive no imaginário popular como um oráculo capaz de fazer

revelações e adivinhações, ele pode levar o indivíduo a ocupar um lugar passivo de consulente que espera das cartas ou do analista verdades que ele deveria buscar dentro de si. Nessa dinâmica, se o analista inconscientemente buscar corresponder a essa demanda do ego de ser salvo por mágica, ele estará abandonando seu valioso papel de facilitador da função transcendente para o paciente.

É preciso que a psique do paciente esteja em movimento, transitando entre o consciente e o inconsciente, para que a distância entre eles diminua e a contra reação compensatória do inconsciente exerça uma influência reguladora na consciência. O objetivo da psicologia analítica é contribuir para o desenvolvimento de uma relação colaborativa entre consciente e inconsciente e devolver ao paciente a sua autonomia, portanto qualquer atitude dentro do setting terapêutico tem que estar alinhada com esse propósito. Para o Tarô servir como aliado, é preciso encontrar um modo seguro de utilizá-lo que não comprometa o protagonismo do indivíduo nesse processo.

Tradicionalmente, o uso do Tarô se dá através de uma relação triangular – (1) existe o consulente buscando respostas que acredita que só um oráculo é capaz de dar, (2) as cartas que são o meio por onde essas respostas chegarão e (3) o tarólogo que serve como tradutor da linguagem enigmática do oráculo. Quando ele vira um oráculo a serviço do trabalho psicológico, a relação com as cartas passa a ser direta, ou seja, não existe nenhum tradutor nem nada a ser traduzido entre o paciente e as imagens. O Tarô se torna uma experiência simbólica que pede relação e não adivinhação.

O Tarô oferece uma representação pictórica de arquétipos, simbolizando forças que se apresentam na vida de qualquer indivíduo. Cada imagem traz a possibilidade de ampliações que se ancoram nos arquétipos que elas apresentam. Essas ampliações não as esgotam, mas podem servir como um impulso para despertar a relação do indivíduo com a carta e, conseqüentemente, com o arquétipo correspondente. Assim, o analista pode trazer para o paciente alguns aspectos do arquétipo por trás da imagem escolhida ou tirada pelo paciente, ajudando-o a pensar como esse arquétipo se comunica com sua vida.

O Tarô serve para fertilizar a imaginação através da introversão, trazendo movimento à psique. Ele demanda uma relação com algo que não pertence ao campo da racionalidade, que se expressa através da linguagem imagética e, portanto, abre brechas pelas quais o inconsciente pode passar. Consciente e inconsciente são duas formas de experiência que acontecem ao mesmo tempo, a todo tempo. O conteúdo experimentado pela consciência também está sendo experimentado pelo inconsciente e entre eles há uma constante troca. O Tarô pode desencadear uma experiência guiada pela unilateralidade da consciência ou pela fertilidade do inconsciente,

não é seu conteúdo que vai definir isso e sim o tipo de relação que o indivíduo terá com ele. Por isso, o papel do analista é favorecer o surgimento da função transcendente e ajudar o paciente a mergulhar na imagem e em tudo o que ela desperta, convocando a presença colaborativa da consciência e do inconsciente.

Assim como qualquer técnica projetiva, o Tarô é uma tentativa de materializar algo que não se está vendo, portanto, deve ser usado quando a palavra e a razão já não são mais capazes de levar a novos caminhos. O propósito não é chegar a conclusões mentais, mas sim criar uma relação com o que está fora e além do ego. Porém, para que tenha sentido, a pessoa precisa ser tocada pelas suas imagens. É a atitude perante as cartas que define se essa será uma experiência que fará emergir o que já se sabe sobre si ou se trará novas conexões profundas. O analista precisa garantir uma atmosfera ritualística que contribua para que essa conexão aconteça, transformando esse momento numa experiência sagrada de introversão.

Como tudo na relação terapêutica, antes de usar as imagens do Tarô, o analista precisa consultar o paciente se ele quer ou não viver essa experiência. Cada psicoterapia é única, não existe nada universal. O que funciona para um, pode gerar incômodos para outro. Além disso, o lugar do analista precisa estar muito bem sedimentando e a transferência estabelecida para que o risco de transformar a relação num jogo de adivinhações seja afastado. A relação com as cartas não deve estar a serviço das dúvidas egóicas e sim do aprofundamento no inconsciente, portanto só deve ser usado quando o paciente estiver pronto para fazer esse mergulho. Talvez seja importante que, antes de ser apresentado às cartas do Tarô, o paciente já tenha se relacionado objetivamente com outras imagens do seu inconsciente no processo terapêutico – sonhos, desenhos, metáforas – para que o Tarô encontre um lugar entre elas. Além disso, é fundamental que o psicólogo tenha uma relação íntima com as cartas porque para propor ao paciente uma relativização da consciência que lhe permita ser afetado pelas cartas, é preciso ter vivido plenamente a experiência de se entregar a cada uma das suas imagens para, assim, se apoderar delas.

O convite que traz o Tarô para o setting terapêutico envolve tanto o trabalho com as imagens que emergem de um jogo de Tarô feito com uma taróloga quanto de um jogo feito na própria terapia, pois em ambos os casos o papel do analista é o mesmo: transformar o evento em uma experiência psicológica profunda. Considerar a sincronicidade que leva a pessoa a escolher determinada carta em detrimento de todas as outras, a coloca em contato com algo muito maior que o ego e que tem um significado muito mais amplo do que qualquer jogo. A sincronicidade evidencia um movimento do psiquismo que envolve afeto e aspectos

arquetípicos complexos, dando a chance de elaborar conscientemente toda a profundidade psíquica que esse tipo de experiência tem a revelar.

O Tarô é uma ponte para os segredos da psique, é um elo que liga consciente e inconsciente coletivo, portanto ele não é uma ferramenta para o ego. O ego busca respostas, definições e esclarecimentos que não serão encontrados em um oráculo que existe para revelar mistérios de um mundo que não se explica, apenas se sente e se confia. Os potentes arquétipos das cartas do Tarô direcionam a energia psíquica para o inconsciente e esse movimento leva a consciência de volta às suas raízes para se revigorar. “O inconsciente não é somente a origem da consciência, mas, também, a sua fonte permanente de reabastecimento.” (BRANDÃO, 2015).

As cartas são como um mito que ao ser ritualizado é renovado, fornecendo toda a força e energia que brotam das suas origens. O ritual abole o tempo profano e recupera o tempo sagrado do mito (Brandão, 2015), portanto ele acontece numa dimensão que não pertence ao ego. Os segredos revelados pelo Tarô acontecem no tempo kairós onde o que importa não é a adivinhação do que vai acontecer no futuro e sim a percepção do que já está acontecendo no inconsciente. A desconstrução do lugar premonitório do Tarô se dá na compreensão de que ele não serve ao tempo cronológico egóico, pois seu poder reside no despertar do tempo kairós do inconsciente que é o caminho pelo qual se acessa os mistérios próprios do indivíduo. Esse é o tempo oportuno para a transformação do ritual em uma experiência profundamente psicológica que abarca presente, passado e futuro e coloca o indivíduo em contato com seus arquétipos, suas dinâmicas e suas sincronicidades.

Decifrar as cartas do Tarô é decifrar-se, portanto essa é uma experiência psicológica em sua essência. Seu lugar de oráculo pode ser um desafio para a transferência e contratransferência terapêutica, mas ao mesmo tempo é esse lugar que traz poder às suas imagens e transfere poder a quem se relaciona com elas, dando sentido ao seu uso na prática clínica. O Tarô conduz a um conhecimento psicológico porque permite uma elaboração psíquica em torno dos seus arquétipos, revelando segredos que são a própria expressão do inconsciente.

Qualquer ferramenta usada dentro do setting terapêutico é um convite para se viver uma experiência, mas é preciso que seja uma experiência estruturante de descobertas que saiam da superficialidade dos desejos do ego. É o aprofundamento da experiência que gera o deslocamento de um conteúdo psíquico, promovendo um dinamismo capaz de trazer uma renovada vitalidade ao paciente. Para conduzir uma experiência nesse nível de profundidade, o analista deve estar incansavelmente enraizando-se dentro de si. O Tarô para fazer sentido ao

paciente deve estar incorporado à fé psicológica do analista, como uma ferramenta que vive dentro dele e que os leva a lugares para além do óbvio, das adivinhações, do ego. É algo que se abre ao diálogo, não se fecha em respostas.

As dificuldades e riscos de trazer um oráculo para a terapia existem e devem ser considerados, mas isso não significa que não seja possível encontrar uma forma de utilizar as imagens arquetípicas do Tarô a favor da expansão da consciência. O Tarô toca uma dimensão que vai além da interpretação, está no campo de uma vivência que ultrapassa os limites da reflexão racional. Portanto, na prática clínica, deve ser usado como provocador de experiências e revelador de segredos do inconsciente que não estão acessíveis ao ego através da racionalidade, só podem ser encontrados pela via de uma atitude de reverência diante do mistério que é a vida.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, G. **Psique e imagem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDÃO, J. **Mitologia Grega, vol I**. Petrópolis: Vozes, 2015.

DORIN, Lannoy. Tarô e arquétipos. **Argumento**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 47-64, abr. 2003.

FENSTERSEIFER, L., & WERLANG, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In A. E. Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Eds.), **Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica** (pp. 15-33). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

FORTIM, I. O Desenho como Símbolo: uma Revisão da Expressão Gráfica pela ótica da Psicologia Analítica. **Hermes**, n 24, p. 79-95, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/44381019/O\\_Desenho\\_como\\_S%C3%ADmbolo\\_uma\\_Revis%C3%A3o\\_da\\_Express%C3%A3o\\_Gr%C3%A1fica\\_pela\\_%C3%93tica\\_da\\_Psicologia\\_Anal%C3%ADtica?from=cover\\_page](https://www.academia.edu/44381019/O_Desenho_como_S%C3%ADmbolo_uma_Revis%C3%A3o_da_Express%C3%A3o_Gr%C3%A1fica_pela_%C3%93tica_da_Psicologia_Anal%C3%ADtica?from=cover_page). Acesso em: 31 mar. 2022.

GREENE, L; SHARMAN-BURKE, J. **O tarô mitológico**. São Paulo: Madras, 2021.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O abuso de poder na psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 2014.

HALL, J. **Uma investigação sobre a imagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HILLMAN, J. **A experiência Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992.

HOPCKE, R. **Guia para obra completa de C. G. Jung**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JAFFÉ, A. **O mito do significado**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

JACOBY, M. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano**. Petrópolis: Vozes, 2018.

JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012a. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. XVI/II)

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. VIII/II)

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. XVIII/I)

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012b. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. XVIII/II)

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014a. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. IX/I)

JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013c. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. XI/V)

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014b. (Obras Completas de C. G. Jung; vol. VIII/III)

JUNG, C.G. **Visions: Notes on the Seminar Given in 1930-1934**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

LOPES, Luis Paulo. **Afinal, Jung era místico?** On line. 2021. Disponível em: <https://www.lampeju.com/post/jungmistico>. Acesso em 31 mar. 2022.

MARASHINSKY, A. S. **O oráculo da Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

MOREL, C. **Tarô psicológico para iniciantes**. São Paulo: Pensamentos, 2018.

NICHOLS, S. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 2007.

PEREIRA, Diego da Silva. **A palavra divina: a centralidade do oráculo de Delfos na religião da Grécia Antiga**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. MG, 2019. 133 p. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10964>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SMOLKA, N. **O Papel do oráculo na vida grega**. *Lingua e Literatura*, n. 1, 1972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115677>. Acesso em XX abr. 2022

WHITMONT, E. **Retorno da Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1991.

WHITMONT, E. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1994.